Direto ao assunto: este disco do Nando Reis é muito bom, muito interessante, muito revelador. Bom porque muito bem feito, produzido com o cuidado e a capacidade de seleção das canções, dos gêneros, dos arranjos, coisas de que o Nando já se mostrara capaz desde os Titãs ou no disco que produziu para Marisa Monte, tempos atrás.

Muito interessante porque afirma o que poderia ainda não ter ficado bem claro: Nando tem estofo para manter uma carreira individual como autor, intérprete e líder de uma banda sob seu comando, como é o caso do que, neste disco resulta da interação com os Infernais. O disco soa como um produto íntegro de uma banda de rock que já vem pela estrada faz tempo, embora seja a primeira vez que eu ouço falar dela. E aí está o que vem do Nando vir de S.Paulo, lugar de manifestação de uma sólida cultura do desempenho e da arte-finalização, quando se trata de música pop, em que os músicos estão sempre treinados e prontos para o trampo. Este disco traz o eco dos tempos de trampo de bandas como Tutti Frutti.

Este disco é muito revelador, pelo menos para mim, porque confirma um traço que, embora insinuante ao longo de todo o trabalho do Nando, aqui se mostra muito claro e evidente: O Nando baiano, o mais baiano dos Titãs se a gente pensa na baianidade de Tom Zé, Raul Seixas e Marcelo Nova. Posso estar delirando mas, tanto na composição como na interpretação, este disco tem muito a ver com aquela Bahia, que chega, por tabela, até mim mesmo, quando escuto lá no meio da letra de uma destas novas canções, uma coisa assim como “se oriente”.

E Sampa, sempre a Sampa. Dalva de Oliveira ou Mamonas Assassinas (nominalmente citados já na primeira canção) afirmando a profunda aderência do Nando ao solo musical dessa sua terra. Sampa e a prolix(cidade) de tantos sons e tons e temas, numa música firme de levadas empolgadas ou abaladadas ajudando-nos, a nós e ao Nando a “trazer a lua e as estrelas pra essa noite”. A noite da cidade imensa que ainda pode nos trazer “o luar que o por do sol deixou luzir”.

Nando Reis, mais uma vez. Músico, poeta, cronista. Artista do nosso tempo. Prestem atenção nos Infernais do riff de “Ternura e Afeto”.

Gilberto Gil